

# CADERNOS AH!

#07



15 CRÓNICAS E 1 POEMA

Pagu

## **15 Crônicas e 1 Poema**

Pagu

Paginação: Fernando Ramalho

Origem dos textos: Augusto de Campos, *Pagu. Vida-Obra*,  
Companhia das Letras, 2014.

Imagem da capa: autor desconhecido, c. 1930.

Julho de 2023

[www.muralsonoro.com](http://www.muralsonoro.com)

[muralsonoro.info@gmail.com](mailto:muralsonoro.info@gmail.com)

## **Maltus Alem**

Excluída a grande maioria de pequenas burguesas cuja instrução é feita nos livrinhos de beleza, nas palavras estudadas dos meninos de baratinha, nos gestos das artistas de cinema mais em voga ou no ambiente semifamiliar dos cocktails modernos – temos a atrapalhar o movimento revolucionário do Brasil uma elitezinha de “João Pessoa” que, sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas, berra a fa-

Pagu (Patrícia Galvão) (1910-1962) foi uma escritora, jornalista e militante comunista brasileira.

vor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito do voto para “mulheres cultas”, achando que a orientação do velho Maltus resolve todos os problemas do mundo.

Estas feministas de elite, que negam o voto aos operários e trabalhadores sem instrução, porque não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se têm que entregar para a manutenção dos seus filhos, se esquecem de que a limitação de natalidade quase que já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida econômica e social ainda estão para serem resolvido. Seria muito engraçado que a ilustre poetisa D. Maria Lacerda de Moura fosse ensinar a lei de Maltus ao Sr. Briand, para que ele evitasse a guerra mundial atirando à boca ávida dos imperialistas gananciosos, um punhado de livros sobre maternidade consciente. Marx já passou um sabão no celibatário Maltus, que desviava o sentido da revolução para um detalhe que a Rússia, por exemplo, já resolveu. O materialismo solucionando problemas maiores faz com que esse problema desapareça por si. O batalhão “João Pessoa” do feminismo ideológico tem em D. Maria Lacerda de Moura um simples sargento reformista que precisa estender

a sua visão para horizontes mais vastos a fim de melhor atuar no próximo Congresso de Sexo.

*A Mulher do Povo*, 27 Março de 1931

### **A baixa da alta**

O 1º time não tem mais.

Os condes e os fazendeiros comendadores de roleta quebraram o título. As festejadas e ilustres mães de caridade desta vez despencaram das coleirinhas de veludo e brilhantes pra um mofô de riqueza suja, quotidiana.

Aparecem ainda no seu aparelhamento callhambeque de tafetá deslustrado, querendo ainda tirar umas casquinhas. Um ilustre linhista de S. Paulo via só oito famílias no Brasil.

Pois estas oito famílias estão entregando os pontos. E as meninas de Syon já são girls clandestinas. Todo o mundo sabe que a reviravolta fataliza.

Respeitáveis e nobres senhores esmolam tostões fálidos no cubículo de usurários e dos novos ricos.

Estes querem agora tomar o lugar das famílias desmoronadas.

Agitem bem as suas desmedidas lantejoulas compradas com o suor dos explorados!

Agitem bem as suas desmedidas lantejoulas compradas com o suor dos explorados!

Agitem bem suas escamas douradas e casos de moeda até chegar o dia da sarabanda.

*A Mulher do Povo*, 29 Março de 1931

### **O retiro sexual**

Evoé ! Já tá na hora. O pessoal já está prontinho da silva.

O enxoval do dia e da noite já está arrumadinho nas malas. O retiro abre os braços porque é semana santa, a semana da farra.

“Donee mihi satisfaciam”.

O padre Bremmond diz que os retirantes podem ficar em qualquer posição contanto que venham “les consolations les larmes et le reste”...

E em qualquer posição ficam eles, implorando “uma faísca de tua doçura e uma torrente de tuas voluptuosidades”

Parece Freud mas não é.

É um trechinho do velho livro místico: “O espelho da alma” citado pelo acima citado padre Bremond, grande esteio da Academia Francesa.

E no seu livro sobre a “conquista mística” continua ensinando pra gente uma porção de coisas que a gente não sabe.

É muito engraçada a história da consolação sensível e dos “contentos” da espanhola dona Tereza de Jesus, que chega a sentir a presença da força de Deus.

Eis aqui o que escreve a este respeito um dos grandes místicos do século XIX:

“Deus toma a alma segundo a fraqueza de sua natureza. Ela se espalha nos sentidos e habituada a receber suas impressões pelos sentidos só vive pelos sentidos”.

Isto tudo está na “Conquista Mística” do acadêmico francês. (Volume 4.o do livro “Le sentiment religieux en France”).

O misticismo está desmoronando evidentemente com a decadência das morais de controle e a Santa Tereza de antes tinha muito mais importância sexual do que a Terezinha de agora que não passa de uma pequena datilógrafa que faz as suas farras de domingo, portanto, sem misticismo exagerado.

Entretanto o fenômeno da sublimação embora em muito menor escala aparece ainda nos retiros onanistas de semana santa e carnaval.

Os sublimados explosivos ao primeiro contato se reúnem para o gozo permitido e ajudado pelo padre.

O jejum masoquista auxilia o prazer físico e transporta para uma loucura desenfreada os históricos dos dois sexos.

Antes, a história do Ovalinho que é melhor porque este ao menos mandou o retiro às favas e traiu os santos com uma mulata chamada Berta Lux.

Os fenômenos que elucidam os delírios históricos dos santos e freiras foram bem verificados por Freud nas experiências de hipnose com que ele começou os seus estudos...

Constata-se cada vez mais que o misticismo só aparece nas civilizações recalcadas e doentias.

Agora, que nós caminhamos embora muito devagar para uma época sem recalque e de moral biológica racionalizada, onde não existirão nem desvios sexuais nem retiros físicos, Freud e o Padre Manfredo podem pedir demissão.

*A Mulher do Povo*, 31 Março de 1931



## Na garupa do príncipe

Puro sangue de reputação impecável... primeiro time do bagaço, isso sim.

Todo mundo sabe que esta coisa de alta classe esta caindo de podre . E é canginha a gente passar uma rasteira nesse restinho sifilítico.

As grandes damas estão se esborrachando e no último estertor econômico se agarram à única tábua de salvação para não engraxar os sapatos das cozinheiras.

D. Azeitona já ficou descabelada, porque não funciona mais. Mesmo assim quis aproveitar a sua antiga popularidade de prima-dona, tentando tirar as últimas casquinhas com o príncipe.

Porém mlle. Camiseta Branca botou a talzinha em nocaute.

– Só então verificou-se que S. A. faz duas escritas.

\*

Infelizmente para a vencedora um peso pesado companheiro de infância da vencida interveio e pulou no picadeiro pra revanche.

E a taça foi pro cozinheiro.

\*

Enquanto isso – ficaram com o dedo chupado uma dúzia de meninotes (alguns já com rugas) de boa família, que tiveram na vida a glória sensacional de uma aventura doutro mundo – contrair núpcias religiosas com cocotes analfabetas e cretinas das províncias da Franga, porque traziam um rótulo falsificado de Paris.

\*

A festa foi sensacional.

\*

E depois da farrinha vulgar de automóvel, de bolinações mútuas e promessinhas de garconnière, chega às 5 horas a D. Pinta em casa, sob os gracejos vaccaes do marido que dana porque a farra foi curta e sem resultado.

\*

E há centenas de meninas histéricas e doentes de inveja imbecil porque não estão nesta cusparada covarde além das que nada conseguem e tuberculizam, porque não recebem de Deus os benefícios da ALTA.

\*

P. S. – Quem ficou na garupa foi o cozinheiro do clube do comércio.

*A Mulher do Povo*, 2 Abril de 1931

### **Liga de trompas católicas**

Tem um festival de declamação e modinhas brasileiras. Cartõezinhos foram distribuídos a troco de uns niqueizinhos de contribuição mensal e as senhoras católicas, na maioria feras desiludidas e velhas professoras – conduzem as suas filhas pintadas e querendo para a distração familiar.

Lá se vão elas...

A cúria se enche de meia dúzia de desafinações da moda e olharinhos maliciosos quando cantam coisas de amor e filhinhos escapulidos, sob as pernas abertas de um

Cristo muscular... E são invejadíssimas as atrizes porque têm uma possibilidade de dizer aos moreninhos católicos e honrados que têm gambias boas, corpinho regular, e uns seios nada ruins devido ao soutien proposital.

E as senhoras católicas se sucedem num espoucar de normalistas e estudantes hipócritas, cheias de vergonha e bons modos – escolhendo companhia decente para se jogar sem nenhum controle ou conhecimento, nas garçonnieres clandestinas porque não têm divulgação jornalística.

E vão vivendo a vida desmoronante e pequena. E a organização das ligas de trompas continuam escondendo qualquer consequência da sua falta de liberdade.

\*

Mães idiotas que querem dar a uma vida de controle a compensação de violões e cantinhos da cúria.

Uma educação errada a lá “Estado de S. Paulo” que ensinando tudo faz campanhas pra gente fazer o que ele proíbe.

Mães que se desgraçam porque querem catolicamente que as filhas façam do casamento um caixão do Rodovalho até que apodreça ou arrebeste.

\*

Senhoras que cospem na prostituição, mas vivem sofrendo escondidas num viu de sujeira e festinhas hipócritas e massantes, onde organizam o hino de cornetas ligadas pra todos os gozos, num coro estéril, mas barulhento.

*A Mulher do Povo*, 4 Abril de 1931

### **Habitação coletiva**

Os tanques comuns do cortiço estão cheios de roupa e de espuma, no capim meia dúzia de calças de homem e algumas camisolas rasgadas. Mãos esfoladas se esfolam. Criancinhas ranhudas de um loiro queimado, puxam as saias molhadas.

– Larga pestinha! Tenho que ensaboar tudo isso. Estes filhos só nascem para tentar...

– Praga! Eu te meto a mão, até o diabo dizer chega.

– Gente pobre não devia ter filho!

– Aí vem a Didi. Você viu a criança dela que mirrada!

Um preta deformada aparece com o filho cinzentinho. Uma teta escorrega da boquinha fraca, murcha sem leite. O avental encarvoado enxuga os olhinhos remelentos.

– Gente pobre não pode nem ser mãe! Me veio esse filho nem sei como. Tenho de dar pra alguém pro coitado não morrer de fome. Se eu ficar tratando dele, como é que arranjo emprego? Tenho de largar dele para ficar tomando conta dos filhos dos outros. Vou ninar os filhos dos ricos, e o meu fica aí sem num sei como.

Ninguém diz nada. Estão quase todas nas mesmas condições. Passam a falar na sedução das garotas do bairro.

– Uma que se perde logo é a Julinha.

Otávia e Rosinha chegam do serviço. Didi procura ainda espremer o peito e o esfrega na boca entreaberta do filho.

– Trouxe leite condensado pro seu neném Didi!

– Toma essa lata de marmelada.

A boca desdentada da preta nem agradece...

– E a Mathilde?

– Oscila um pouco, mas vai. Nunca mais tornou a ver aquela amiga rica. Está trabalhando nas meias. Vai indo bem.

- ocê já deu aqueles folhetos pra ela ler?  
– Já leu. Vamos levar ela hoje à reunião?  
A voz estridula do senhorio bate nas portas.  
Todo o cortejo se lamenta.  
– Não arranjei!  
– Pelo amor de Deus, deixa pra amanhã!

*Diário de Notícias, 1933*

### **As caveiras e a questão econômica**

A máquina da Light espalha a população da Av. Central atravessando em etapas de sinais a grande rua. Penetra nos boulevards elegantes. Faz ponto no cemitério de classe, onde os esqueletos ricos, esparrramando átomos, continuam a sua vida cientificamente nos fenômenos químicos da decomposição. O conhecido cemitério de São João Batista. Conhecido ao menos no único dia que o mundo cristão concede aos mortos, ciente de que nos outros eles só vivem no purgatório, fornecendo com a ilusão salvadora das missas a realidade da economia sacerdotal.

Os túmulos desfilam arrumados e simétricos. Feudais imponentes nas armas velhas do Império.

Ou nas cores em granito moderno da burguesia avançada. Todos em fila se esparramando pelo terreno monopolizando lugar, na concorrência das enormidades artísticas ou dos esplêndidos isolamentos.

Os túmulos da família.

Às três horas da tarde só no silêncio dos ciprestes adubados. O trabalhador municipal, o guarda-coveiro faz a limpeza saltando lépido. Carrega flores murchas, só se volta e deixa de assobiar a uma interrogação.

– É o túmulo do Barão de Peruíbe. Posso mostrar. Faça o favor... cuidado aí com esse monte... Está um cheiro dos diabos.

Gosta de falar. Desforra-se do silêncio obrigatório que tem entre sepulturas.

O túmulo do barão domina em grandiosidade os outros vizinhos.

– É o Banco do Brasil da Baronesa. Ela mandou fazer para enterrar o marido quando andava cheia da nota. Agora quando se aperta vende um pedacinho do terreno. Este túmulo aqui era dela. Ela vendeu. E ainda ontem a Baronesa de Peruíbe andava aí mostrando a uma turca rica que quer comprar o banco inteiro. É a crise.



No 2º cemitério a gente pode ver dos carneiros suntuosos aos restos monumentais da pequena burguesia e no fundo, lá bem no fundo depois da gente andar bastante, o campo estéril maltratado, desconhecido dos mortos que não têm nome.

Na rua o português amarra flores e limpa cactos. Uma mulher de perto chorosa lhe compra sem olhar dália amarelas.

– Eu compreendo... A senhora é uma senhora de sentimento. Mas tenha paciência... Eu compreendo o seu sentimento. Como a senhora poucas há...

Guarda os vinte mil réis.

– É como os outros. No primeiro mês compra e não olha preço nem flor... No segundo pechincha e no terceiro coisa nenhuma.

No portão aparece a alegre festa fúnebre de um enterro proletário barulhento. O táxi com 16 pessoas amontoadas mostrando a mocidade que come bananas e festeja materialmente o afastamento daquele parente e amigo que costumava ver.

De outro lado, no portão nobre, o côche senhorial e triste de um enterro de luxo.

Quanto maior a riqueza, maior a seriedade.

*Diário de Notícias*, 1933

## O homem que tira retratos dos mortos

Na porta da necrópole, de gravatinha funerária Herr Strauss, retratos em esmalte vitrificador a fogo, grande amigo do poeta futurista Mário de Andrade.

Naquele tempinho paulista de 1914 em que faziam juntos e mais o dr. Eloy Chaves a campanha pró-guerra contra Alemanha. Comparamos o destino dos três.

O dr. Eloy usufrui as delícias de ter vendido em dólares (1924) uma empresa elétrica rural à Light.

O poeta Mário faz discursos separatistas e Herr Strauss tira retratos de defuntos esperando ainda tirar o dos dois.

– O que me trouxe aqui foi a aventura. Dá para comer e sentir as coisas.

Quando morre um rico dá-se logo um pulo no palacete. Me perguntam lá de cima arrogante: “O que é? Não quer nada não!” Venho esperar o desgraçado no cemitério.

A gente vê todo o dia tanta coisa engraçada aqui. Quando o general morreu quem fez o discurso foi o coronel... Discurso sentido... Depois eu ouvi ele falar pro outro “Arre que esse bandido deu o

fora!” Depois... A encomenda do jazigo do bicheiro que vai custar 500 contos com um anjo da guarda abrindo as asas de 2 metros e meio... com a cripta do mosaico veneziano.

O retratista encapotado e friorento conclui:

– Está vendo a capela? O defunto que quiser parar ali tem que pagar uma taxa gorda.

Pára de falar oferecendo as suas rodelas de esmalte.

*Diário de Notícias, 1933*

### **O capim dos indigentes**

O coveiro, moleque velho, o João Chapinha segue na frente, mostra:

– É aqui, veja. Um pasto. É assim. Querendo um número paga. O primeiro nome paga mais. O nome e o sobrenome mais um pouquinho. Mas na vala comum a gente tem mais vantagem. Enterra de qualquer jeito. Pode vir nu. Pode vir despido...

O contraste aparece. Os indigentes têm capim. Os 5 anos têm pedras. E os grandes jazigos... as inscrições... as legendas ...

“A orfandade legou pão e luz.”

– Conheço muito bem essa sujeita. Minha mulher que diga. Esteve empregada lá. Um conto para os pobres e três para o jornal das notícias... João Chapinha continua a atravessar montes de terra. Aponta o túmulo onde se fecharam os últimos sonhos imperialistas do Barão do Rio Branco.

– Os ricos mandam os chauffeurs trazerem flores... mas ninguém visita a vala comum. Ninguém sabe onde tem os ossos.

### **A espanhola e a greve dos coveiros**

– Eu estava aqui na espanhola. A gente estava em greve. Queria ganhar mais capital. A Santa Casa se despiu e a polícia tomou conta.

Foi quando eles acharam os pregos e mandaram eles trabalhar. Sem recurso, qual era o nosso? Continuamos a ganhar 5000.

Hoje estamos ganhando o mesmo que a espanhola. Há tanto coveiro.

Vou mostrar os ossos que estão aparecendo da espanhola, lá onde estão cavucando...

Do barranco escorre terra cor de sangue. João Chapinha agarra meio crânio vermelho com os bu-racos enlameados. Vai raspando a terra com as unhas e calmamente se alegra:

– Eu vou pegar isto... levo para casa, limpo... e ainda vou cavar dez tostões com ela.

*Diário de Notícias, 1933*

### **“The Tempest”**

”... Eu lhes falaria hoje do homem e de sua grande miséria. Mas se o mundo fala, os homens são mudos”... (Ariel).

Uma tradição antiga conta a existência de um mestre que falava e ensinava coisas maravilhosas. Mas ninguém o entendia porque o lendário personagem não falava a língua dos homens. Foi condenado ao ostracismo e, então, nada mais lhe restou que enterrar-se num túmulo de gelo.

A singular figura veio até os meus dias, aparecendo-me em sonhos, numa destas noites. Mas não possuía o grande manto da lenda, nem o fluido imponderável que lhe permitisse as exosmoses poéti-

cas, nem trazia nas asas a incandescência eólia dos enviados.

Seus olhos carregavam a gélida expressão dos anunciadores, mas as asas decadentes eram negras. E freqüentava comigo, no meu pesadelo, um hospital de alienados.

Era apenas um homem doente, numa casa de doidos, coberto pelos trapos de um uniforme que ele mesmo rasgara numa de suas crises. Os médicos, que ele apelidava Calibrans, haviam diagnosticado um curioso caso de psicose maníaco-depressiva, mas o poeta, porque tinha sido poeta, continuava sem melhora, sem falar a linguagem dos homens. No sonho, eu era também um seu discípulo inofensivo. Todos os doentes deixavam suas manias para ouvi-lo, e ele dissertava maravilhosamente no seu verbo universal, até que os “inimigos” surgiam com as armas sedativas e as correias do ostracismo.

Quando a noite descia e entrávamos no negro podíamos ainda ouvi-lo de sua cela, conversando com as montanhas, enviando-nos a sua mensagem apócrifa das trevas. Era um soluço surdo, triste, e depois a extensa simbologia que alcançava as estrelas da madrugada. Terminava na catalepsia esmagada.

dora do cardiasol, quando a vida reclamava a sua impotência.

Como eu também fosse louco, pedi aos senhores do sanatório, numa temeridade fanática, que permitissem ao poeta falar ao mundo a linguagem da verdade. Mas, precreveram-me também injeções silenciadoras. Ao deixar os limites do consultório, onde se reunia a sabedoria psiquiatra, um velho facultativo, o mais complacente de nossos inimigos, exorcizou-me paternalmente:

“Fale a linguagem dos mudos.”

E ao notar no meu dorso as premissas de anormalidade acrescentou:

“E corte as asas.”

*A Noite*, 31 de Agosto de 1942

## **Romance**

Um homem e uma mulher seguiam a estrada.

Não tinham cor e a idade indefinível perdia-se no espaço infuso. Eram apenas duas manchas móveis ressaltando, dentro da vagarosa melancolia da noite e da lua doente. Emigrantes do mundo homiziavam-se na rota das possibilidades infinitas à pro-

cura de dilatação para seus anseios e continuidade para o seu excesso de vida.

Haviam deixado um cassino numa trégua do cotidiano. As mãos haviam-se encontrado quando o entusiasmo precário percorria a multidão ululante, arrolada à sinfonia de uma roda implacável e de fichas estéreis.

E o homem e a mulher caminhavam na estrada na direção de um templo novo que se edificava no mistério. As vozes solitárias levavam o peso de muitas dores e a transfiguração das esperanças encontradas. Os passos deveriam conduzir a casa das estrelas o par proscrito das misérias diárias. Atrás ficavam as feras, os abutres, todos os iagos do universo e os pusilânimes dinossauros mumificados secularmente nos museus da impotência dos atos e sentimentos. Os desterrados já possuíam o hábito das trevas, e conseguiram distinguir bem no fundo da estrada, no horizonte de sombras, uma lanterninha cor de sangue designado o pretendido pouso, o primeiro oásis da meta milagrosa.

O cronista e o leitor, se seguissem indiscretamente o casal visionário, numa distância que vai por exemplo de uma cabeça que pensa às mãos que batem o teclado da máquina de escrever, veriam apenas na luz furtiva a marca vacilante de um campo de aviação.



Mas, os personagens que não têm imaginação limitada, nem dimensão, encontram, afinal, depois de algumas horas, o palácio sagrado das últimas estrelas. A lua fez-se representar pela auréola de cobre e madrugada, estigmatizando as saturnais do mar e praia. O líquido sevia a areia cetinosa que ficava estendida, infinitamente esticada até um cinzento longínquo dominado também pela estige de luz.

E o homem e a mulher fitavam o mar e o infinito de mãos dadas, saturados de sereno e orvalho. Os olhos noturnos eram extraordinariamente calmos.

Ouvia-se na fantasmagoria o grito próximo e infantil dos pescadores, anunciando as perspectivas poderosas e imensuráveis de uma exuberante simplicidade na paisagem comum de areia e de água.

*A Noite*, 1 de Setembro de 1942

### **Literatura oportunista**

Jovens escritores transviados pela linha justa propuseram-me, como a mais recente comentadora das letras, uma questão que me apresso em responder, nestas considerações literárias, na impossibilidade

de lhes proporcionar uma sabatina... Querem eles saber de mim, pois não acharam suficientemente claro o que venho explicando, qual a orientação que as letras vão ter neste após-guerra que não há meio de começar, ou como formularia Paul Valéry, qual “le destin prochain des lettres”, tema que forneceu um “entretiem” inteiro aos membros do Instituto Intervencional de Cooperação Intelectual, nesse longínquo ano de 1937. O mundo, pensam eles, está se libertando para as esquerdas, e eu diria “esquerdamente”.

Como serão encarados os problemas da criação literária nesse mundo em que não acaba mais de morrer japoneses vitimados pela lembrança da bomba atômica? É o que me perguntam, naturalmente sem as galas de estilo que aqui vão e que revelam talvez, um certo esmero na forma, coisa que deva escapar ao futuro escritor do Partido, aos literatos das “massas”.

Efetivamente, o tema é sedutor, pois envolve a funcionalidade da literatura proletária ou “social” (havendo grandes debates sobre a sua denominação) o conteúdo do objeto, e toda a logomaquia que os pedagogos ditos “proletarizantes” gastam no seu

apostolado. Ora, ensinava o velho marxismo que a superestrutura e que a literatura constitui está condicionada, em suas raízes mais profundas, à estrutura econômica, condicionante que é de todos os fenômenos sociais. Qual a estrutura que perseguem os stalinistas, os prestistas et caterva? Qual a que, em sua cabecinha de doidivas, está sonhando o melancólico Partido? O Partido sonha e morre de amores por uma estrutura econômica ordenada num capitalismo “bonzinho”, progressista, camarada, “não-reacionário”. O Partido vai embalado, numa corrida sem freios, para um colaboracionismo de classes que extinguiu completamente qualquer possibilidade de demonstrar a exploração do homem pelo homem, única saída para um literato “proletário” manifestar a sua febril devoção à causa operária.

Nessas condições, e estou apenas seguindo o que a linha justa procura defender, a transformação da política do Partido — conciliação de classes, burguesia progressista, etc., negará a que se chamava antes literatura “social”, proletária, etc. Dentro do campo de concentração a que se recolheram os escritores do Partido, é fácil assinalar para onde vão os rumos da nova literatura, se a doença continuar

progredindo... Nessa nova literatura, far-se-á, forçosamente, conciliação de classes. Desenhar-se-á, portanto, o patrão-burguês de grande compreensão progressista, “liga” do operário em vez de arrancar de seu lombo a mais-valia, levando o proletário aos seus “week-ends” em Petrópolis e até mesmo em Quitandinha, onde, numa tarde fortuita, o feliz elemento construtor do progresso poderá até namorar a filha do referido burguês, acabando o romance na igreja de Caxias que o Partido vai construir e que até lá já estará funcionando... Esse, um dos temas. Outro tema, mais alto, político por certo, não é original, porquanto já foi tratado pelo major Amilcar Dutra de Menezes, ex-diretor do ex-DIP: é o que nos romanceará a vida de um ditador bonzinho, influenciando beneficentemente na felicidade, em *O futuro nos pertence*, novela mal compreendida por que muito se antecipou à época cinzenta que estamos atravessando agora, e em que possivelmente seria criado um prêmio para uma obra do gênero. Possivelmente, o modelo mais remoto dessa literatura, e que irá fatalmente ressurgir dos mortos, está na história maravilhosa da Gata Borracheira, quando uma fada progressista intervém e faz da pobre me-

nina abandonada a dona do pé em que o sapatinho de ouro servia como se fora uma luva sob medida... É essa literatura que predominará, transformando pastoras em princesas, garotas das lojas Brasileiras em noivas do “haute gomme”, com revistas elegantes ou galantes da cidade. Os jovens operários também pompearão nas páginas apoteóticas da era da burguesia progressista, nadando tudo na inefável felicidade da cooperação de classes. Será uma beleza...

Outro gênero que talvez abafe a imaginação dos autores dos contos de fadas progressistas será o da biografia romanceada dos líderes do proletariado, dos condutores das massas, como aliás já está acontecendo, pois foi consultado a Luiz Carlos Prestes se ele consentia em ser novamente biografado, embora, para muitos, a novela de Jorge Amado encha as medidas. Prestes se dignou em consentir que sim, pois que mal faz uma nova biografia? É possível esta seja a indicação do futuro, e que o jovem camarada que está na trilha do autor das “Terras do sem fim” tenha afinal acertado o passo na previsão da nova pepineira. Biografias e mais biografias, endeusadoras todas, naturalmente, lá podia ser doutro jeito?

Outro gênero ainda será o de coisas adotadas dos romances russos, pois já se vive, neste Rio de Janeiro, de lições de russo desde 60 cruzeiros ao mês.

A derradeira calamidade está numa velha notícia de um jornal que o tempo amarelou, e será o enquadramento dos escritores num sindicato único com os juramentos rituais de fidelidade à cooperação de classes e à simpatia para com o capitalismo não reacionário. E estará então tudo feito.

É verdade que estas coisas não acontecerão aos escritores do Partido, que são medalhões acabados, os prêmios Nobeis da literatura indígena, os que já construíram a sua obra, que a linha justa, segundo penso, não deverá alterar. Aliás, sinto que estou sendo imprudente, porque pode muito bem haver nas reedições, como aconteceu na edição brasileira da vida de Prestes, modificações para dar aos romances e novelas de outros tempos, o “tônus” da idade da desfaçatez e da pouca vergonha que se anuncia, através de todos desfiles, de todas as manobras, de toda essa enfiada de “táticas” sem decência alguma, sem linha alguma, nisso que chamam a linha justa.

Aí está, para os literatos do Partido que querem desfraldar a bandeirola da literatura progressista,

um punhado de observações que penso que os ajudarão, úteis como procurei produzi-las, ao encontro das aspirações que eles não sabem que estão alimentando.

É verdade que me esqueci de mencionar o caráter nacionalista daquela literatura nova. Será pontilhada de estrelinhas do me-ufanismo, cantará Volta Redonda e o petróleo de Lobato, assim como os fartos bigodes do generalíssimo. . . o que é afinal uma outra maneira de ser nacionalista e patriota. E os heróis, naturalmente, terão os nomes terminados em off, ou shenko, ou in, ou vitch... Aí estarão as conseqüências finais para a literatura brasileira proletária, da linha justa em que o Partido desliza, com a inconsciência de quem brinca com o fogo, sem saber que o fogo queima. Literatura oportunista, bela introdução à história da inteligência sob o signo do progressismo!

*Vanguarda Socialista*, 14 de Setembro de 1945

### **Teatro universitário – o exemplo alemão**

Participando de um pequeno curso de teatro que Augusto Boal está promovendo no Teatro de Are-

na, em São Paulo, a propósito da primeira aula a que assisti sobre técnica teatral, numa discussão com os meus colegas, veio à tona o tema, muitas vezes debatido, ou seja, o papel dos que, gostando imensamente de teatro, procuram desenvolver uma atividade nesse setor, não proficiência do teatro amador, de suas controvérsias com o teatro profissional, de suas possibilidades, de suas intenções. O assunto me interessou particularmente, pois pertencendo, como orientadora, a um grupo de amadores recentemente organizado nesta nossa cidade de Santos, essa reunião, depois da aula de Boal, dava ensejo a uma discussão sobre as atividades teatrais, profissionais e não, estabelecendo-se a inexistência de um alinhamento, mas a possibilidade de uma cooperação. O profissional, ligado com legítimo orgulho à arte a que se dedicou, defende, naturalmente, os seus direitos e o seu meio de existência. O amador poderá ser um pouco mais exigente, mais apaixonado, mais exclusivo. Na realidade, porém, amadores e profissionais deverão acabar compreendendo que suas tarefas são complementares, embora diferentes.

O público, por exemplo, espera do profissional a satisfação, o arrebatamento de uma interpretação



imaculada e perfeição artística. O amador não pode pretender essa expectativa, pois o virtuosismo da interpretação só pode ser conseguido pela concentração profissional e pela disciplina de toda uma vida.

O público comparece ao teatro de amadores por motivos diversos. Ou porque no local não existe teatro profissional, o que é óbvio, e menos importante, ou porque o teatro em questão constitui uma obra de comunidade, uma parte da vida social: igreja, clube, usina, escola etc. Aí é que tem início a parte mais importante do grupo de amadores, criando em seu público o “hábito” do teatro, formando o gosto do espectador. Representando obras de qualidade, esses agrupamentos podem fornecer ao teatro profissional o melhor de seu público.

Falando em teatro de amador, devemos reservar um capítulo especial aos teatros de estudantes, principalmente aos teatros universitários, que preenchem particularmente a missão de amoldar o gosto e as preferências do público para a arte teatral, pois possuem o estimulante intelectual necessário a uma arte, que, por seu caráter popular, tem a permanente necessidade de escapar à vulgaridade.

Sem precisar de grandes bilheterias, sem a preocupação de concessões, o teatro de amadores, em

particular o teatro universitário, pode-se arriscar a toda espécie de pesquisas, a experimentações que poderão dar resultados satisfatórios ao desenvolvimento do teatro profissional no caminho da cultura. Preparando o ambiente e o gosto do público, as concessões irão diminuindo para a aceitação de obras que um teatro profissional não poderia encenar sem esse preparo, a não ser que estivesse disposto a cair na bancarrota.

Felizmente, para a arte e para o público, os universitários de todo o mundo acabaram compreendendo que têm um papel a cumprir na educação do povo.

Desde 1945, as universidades alemãs estão se aplicando na organização de grupos teatrais. Há hoje, pelo menos, uns vinte grupos de amadores ligados à Federação dos Teatros de Estudantes da Alemanha. Não obstante a luta contra dificuldades materiais que muitas vezes obrigam os grupos de teatro a se dissolver, o Teatro Universitário alemão desenvolveu-se de tal maneira, demonstrando a sua capacidade de influir na educação que em Berlim e Colônia foram criadas, nas Universidades, cátedras de arte teatral, equiparadas a qualquer disciplina

científica. Os estudantes nessas universidades, compulsoriamente, são obrigados a passar pelo exame da matéria.

Em outras cidades alemãs, como Hensburgo, Hof, Ratisbone, existem companhias fixas, de estudantes, com instalações próprias, mesmo suntuosas, até certo ponto, que os universitários alemães não pretendem fazer qualquer concorrência aos teatros profissionais, numa época em que muitos atores alemães se acham desempregados. Embora sejam mínimos os preços cobrados para que se obtenha um maior público, o teatro universitário faz questão de permanecer no terreno idealista, artístico e desinteressado. Em Berlim, por exemplo, onde os estudantes recebem uma pequena subvenção do Estado, para as despesas de encenação, as entradas são gratuitas.

É preciso especificar, também, que todavia, os estudantes alemães não recorrem a profissionais para dirigir os seus espetáculos, cientes de que, nesse caso, a representação não traduziria as possibilidades reais dos estudantes. Realmente, é fácil conseguir renome quando um hábil profissional se encarrega de ensaiar os estudantes durante meses

para encenar um espetáculo. Os estudantes da Alemanha preferem ver reveladas as qualidades também a peça também revelação de um grande diretor. Todavia, não prescindem de um consultor técnico que proporciona aulas de cenarização, práticas e teóricas, aos universitários que pretendem dirigir.

Outro problema muito examinado é o do repertório. Fazem questão de não representar as mesmas peças levadas em cena, em geral, pelo teatro profissional. Então estabeleceram duas divisas: restauração e experiência. Isso significa restaurar as peças do espírito, tempo e espaço em que foram escritas, em sua versão original integral, com todos os dispositivos da época (parte didática) ou então experimentar, procurando peças que não convém com o teatro profissional, utilizando debutantes, artistas inexperientes, diretores de primeira viagem, tendo conseguido surpreendentes resultados.

Quero dar aqui uma pequena idéia do repertório dos teatros universitários da Alemanha, enumerando algumas peças representadas nos últimos tempos pelos estudantes, nas duas modalidades acima referidas. No repertório da recuperação, a Universidade de Berlim encenou “Conto de Natal de

Hessois” (século XVI) e “O gato de botas” (também século XVI), de Ludwig Tieck. Na base experimental, foram levadas, por vários grupos, as seguintes peças: “A volta do filho pródigo”, de Gide; “Cântico dos cânticos”, de Giraudoux; “Orfeu e Eurídice”, de Kokoschka, foi representada em Frankfurt. Muitas outras peças de autores de vanguarda foram encenadas, principalmente em Berlim, como “O guarda dos túmulos” de Kafka, e “Circo queima”. Todas peças de vanguarda, que não figuram de maneira alguma no repertório dos teatros profissionais. Atualmente os estudantes pretendem incluir em suas atividades o teatro de revista, sob bases novas. Mais experiências.

*A Tribuna*, 14 de Outubro de 1956

### **Perspectiva do século vinte em alta escala**

Não será jamais pretensão minha pôr em uma crônica que pretende, generalizadamente, falar de literatura, estabelecer qualquer coisa que corresponda a uma perspectiva literária do século vinte, nestes primeiros dias de um novo ano, do ano de 1961,

quando estamos dobrando a metade do século e já vai fazer vinte anos que desapareceu James Joyce, vinte anos que desapareceu Virginia Woolf, os dois “grandes” da língua inglesa da primeira metade do século – felizmente escapos da vulgaridade de alcançarem o Prêmio Nobel, por exemplo...

Em 1961, Joyce e Virginia Woolf, mortos há vinte anos, exatamente, em plena segunda guerra mundial do século, já estarão distantes de nós mais de uma geração, artisticamente falando, pois convencionou-se que uma geração artística ou literária substitui outra de quinze em quinze anos... Vamos admitir, para a química das gerações, que seja compreensível esta divisão arbitrária do tempo.

Estaremos, também, neste ano, a uma distância de quase quarenta anos, para o desaparecimento de Marcel Proust, que morreu há trinta e nove anos, em 1922, depois da glorificação e não dava e equívocos de apanhar nazistas desmemoriados e premia-los, como ocorreu no ano passado.

A perspectiva a que procuro me referir é a de que as obras dos “grandes” do século começam a ser estudadas, definitivamente, pois o tempo passou, e todos os elementos de uma análise e de uma inter-

pretação foram recolhidos, através das cartas, dos testemunhos, das memórias, das incidências, e uma certa “cristalização” dos temas e dos estilos, da pesquisa e dos símbolos e mitos, foi alcançada, senão ultrapassada. É o momento em que estamos nos aproximando de certas “verdades” fundamentais, no que tange aos escritores da primeira parte do século. Os estudos amadureceram.

E como nos parece repleta de importantes obras e de nomes significativos esta imensa metade do século vinte, do qual nos separa uma década de observação mais repousada!

Para quem não preza as coisas da literatura, estas não têm a mesma importância. Mas para quem cuida de literatura sob o aspecto cultural e de vivência essencial que implica a atividade – tanto de autores como de leitores – há uma significação muito grande em emprestar-se a um Proust a característica da “memória” a um Joyce a de “tomada da consciência da coisa literária”, a uma Woolf a importância desse “universo feminino” que ela traduziu em sua obra, a um Kafka a colocação do “processo da Justiça”, a um Rilke a questão do mundo visto sob a “intransigência poética”...

Tudo isto é vivido e realizado em uma obra imensa de imaginação e de técnica lingüística, que atinge o paroxismo em cada um desses casos, sob a particularização de que se reveste, porque uns pertencem a um mundo limitado e uma língua, e outros se distanciam de seu mundo e abrangem muitas línguas, como a multivalência prosódica de Joyce chegou ao “quimismo da linguagem”.

Tudo isto vale para qualquer caso, e sem considerar “correntes”, em que uns se colocam voluntariamente enquanto outros aí são colocados pela crítica classificadora, para facilidade e compreensão, quanto para o estabelecimento de uma hierarquia. Mas, há que considerar, no caso da perspectiva, ainda, a questão das “correntes”, que subsistem, sem dúvida, ligadas a definições, as quais importaria “reconhecer” como legítimas, em casos bastante delimitados, como a poesia dos surrealistas. Sei que muitas destas coisas poderão provocar aborrecimento na linha de dimensão da província em que nos situamos, mas é preciso insistir em divulgar nomes e noções, para que não nos acusem, como tantas vezes injustamente o fazem os nossos “pilares de ignorância” de termos procurado um monopólio cultural e artístico.



Já existe, hoje, uma vasta literatura “traduzida”, dos mestres do século vinte, e em línguas mais acessíveis, como o espanhol, o italiano e o francês, há uma vasta obra crítica, abrangendo a literatura dos mestres. É para chamar a atenção sobre tais nomes que estamos escrevendo à margem do que seria a lembrança de uma perspectiva literária do século vinte. A perspectiva que começa a surgir depois da última guerra, quando alguns dos “grandes” desapareceram, outros foram descobertos, como o caso de Robert Musil, e outros continuam na marcha sem fim.

*A Tribuna*, 15 de Janeiro de 1961

## **Nothing**

Nada nada nada

Nada mais do que nada

Porque vocês querem que exista apenas o nada

Pois existe o só nada

Um pára-brisa partido uma perna quebrada

O nada

Fisionomias massacradas

Tipóias em meus amigos

Portas arrombadas  
Abertas para o nada  
Um choro de criança  
Uma lágrima de mulher à-toa  
Que quer dizer nada  
Um quarto meio escuro  
Com um abajur quebrado  
Meninas que dançavam  
Que conversavam  
Nada  
Um copo de conhaque  
Um teatro  
Um precipício  
Talvez o precipício queira dizer nada  
Uma carteirinha de travel's check  
Uma partida for two nada  
Trouxeram-me camélias brancas e vermelhas  
Uma linda criança sorriu-me quando eu a abraçava  
Um cão rosnava na minha estrada  
Um papagaio falava coisas tão engraçadas  
Pastorinhas entraram em meu caminho  
Num samba morenamente cadenciado  
Abri o meu abraço aos amigos de sempre  
Poetas compareceram

Alguns escritores  
Gente de teatro  
Birutas no aeroporto  
E nada.

*A Tribuna*, 23 de Setembro de 1962

**AH!**

**Associação Mural Sonoro**

Cç. Santana, 169

1150-303 Lisboa